

CRÔNICA PARA IMPRIMIR:

O ELEVADOR OPINATIVO

Outro dia, no elevador do meu prédio — esse laboratório vertical do comportamento humano — assisti a mais um capítulo daquilo que passei a chamar de a estratégia da covardia.

Estávamos no quinto andar quando entrou o senhor Arnaldo, sujeito manso, desses que pedem licença para apertar o próprio botão. Logo atrás veio Cláudio, recém-promovido a alguma coisa que envolve planilhas e autoridade temporária. O elevador fechou a porta, suspirou como quem prevê problemas, e subiu.

— Tem gente que não sabe estacionar — disparou Cláudio, do nada, olhando fixamente para o reflexo do senhor Arnaldo no espelho.

Arnaldo, que não dirige desde 1998 e tem medo até de carrinho de supermercado desgovernado, arregalou os olhos.

— Eu? — perguntou, com a delicadeza de quem pede desculpa por existir.

Cláudio aproveitou o silêncio constrangido para continuar sua tese automobilística, agora com certo entusiasmo técnico. Falou de retrovisores, de limites, de respeito. O elevador seguia sua lenta ascensão moral rumo ao oitavo andar.

O curioso é que, minutos antes, na garagem, eu vira Cláudio encolher-se inteiro diante de um motorista corpulento que estacionara ocupando duas vagas. Disse apenas um “tranquilo, chefe” e saiu de fininho. Já no elevador, diante de Arnaldo — cuja maior infração conhecida é regar plantas em excesso — transformou-se num paladino do trânsito.

Ali, entre o sexto e o sétimo andar, entendi mais uma vez como funciona a tal estratégia. A agressividade raramente escolhe o adversário que pode devolver na mesma moeda. Prefere quem paga em silêncio e ainda oferece troco em educação.

Não que Cláudio fosse um vilão de novela das nove. Parecia mais um contador de frustrações acumuladas. Talvez o chefe tivesse falado alto com ele. Talvez o motorista das duas vagas tivesse esmagado seu amor-próprio. Como não pôde reagir onde havia risco, deslocou o discurso para onde havia carpete macio.

Arnaldo, por sua vez, fez o que as pessoas pacíficas costumam fazer: refletiu. Vi claramente o momento em que ele pensou: “Será que estacionei mal?”

Depois: “Mas eu nem dirijo...” E, por fim, aquele clássico universal: “O que será que eu fiz?”

Esse intervalo de análise é fatal. Enquanto a pessoa pondera causas e consequências, o agressor já redigiu, revisou e publicou a própria indignação.

Quando a porta se abriu no oitavo andar, Cláudio saiu primeiro, satisfeito, como quem vencera um debate imaginário. Arnaldo ficou alguns segundos parado, reorganizando sua biografia recente. Antes de sair, comentou comigo:

— Vou começar a ir de escada. O elevador anda muito opinativo.

Rimos. Mas a cena ficou.

Percebi que essa lógica não mora só no elevador. Ela circula pelos escritórios, pelas famílias, pelas pequenas hierarquias invisíveis do cotidiano. A força desce a escada rolante; raramente sobe por ela.

O mais estranho é que as qualidades que facilitam a convivência — paciência, disposição para o diálogo, boa-fé — acabam virando convite involuntário para testes de valentia. Como se gentileza fosse sinônimo de área livre para descarregar tensões.

Na semana seguinte, encontrei Arnaldo novamente no

elevador. Cláudio entrou logo depois. Houve um breve silêncio estratégico.

Desta vez, porém, Arnaldo foi o primeiro a falar:

— Cláudio, vi seu carro na garagem. Está ocupando duas vagas.

Cláudio empalideceu. Eu quase aplaudi. O carro dele, claro, estava perfeitamente dentro da linha. Mas a frase cumpriu seu papel pedagógico.

— Está? — perguntou ele, já inseguro.

— Não — respondeu Arnaldo, sorrindo. — Mas é sempre bom conferir antes de acusar alguém.

O elevador subiu em paz.

Ali compreendi que superar a tal estratégia não exige abandonar a serenidade, mas acrescentar-lhe um pequeno ingrediente: limite. A paz não precisa gritar, mas também não precisa pedir desculpa por existir.

Desde então, toda vez que o elevador fecha as portas, observo atento. Aprendi que coragem de verdade não é falar alto com quem fala baixo. É manter a própria voz firme, mesmo quando seria mais fácil procurar um alvo mais confortável.

E, se tudo falhar, ainda há a escada.